

## DOMINGO IV DO TEMPO COMUM

### CIC 547-550: Jesus acompanha as suas palavras com milagres

- 547** Jesus acompanha as suas palavras com numerosos «milagres, prodígios e sinais» (*Act 2, 22*), os quais manifestam que o Reino está presente n'Ele. Comprovam que Ele é o Messias anunciado<sup>1</sup>.
- 548** Os sinais realizados por Jesus testemunham que o Pai O enviou<sup>2</sup>. Convidam a crer n'Ele<sup>3</sup>. Aos que se Lhe dirigem com fé, concede-lhes o que pedem<sup>4</sup>. Assim, os milagres fortificam a fé n'Aquele que faz as obras do seu Pai: testemunham que Ele é o Filho de Deus<sup>5</sup>. Mas também podem ser «ocasião de queda»<sup>6</sup>. Eles não pretendem satisfazer a curiosidade nem desejos mágicos. Apesar de os seus milagres serem tão evidentes, Jesus é rejeitado por alguns<sup>7</sup>; chega mesmo a ser acusado de agir pelo poder dos demónios<sup>8</sup>.
- 549** Ao libertar certos homens dos males terrenos – da fome<sup>9</sup>, da injustiça<sup>10</sup>, da doença e da morte<sup>11</sup> – Jesus realizou sinais messiânicos; no entanto, Ele não veio para abolir todos os males deste mundo<sup>12</sup>, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado<sup>13</sup>, que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas.
- 550** A vinda do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás<sup>14</sup>: «Se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, então é porque o Reino de Deus chegou até vós» (*Mt 12, 28*). Os *exorcismos* de Jesus libertam os homens do poder dos demónios<sup>15</sup>. E antecipam a grande vitória de Jesus sobre «o príncipe deste mundo»<sup>16</sup>. É pela cruz de Cristo que o Reino de Deus vai ser definitivamente estabelecido: «*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou desde o madeiro»<sup>17</sup>.

<sup>1</sup> Cf. *Lc 7, 18-23*.

<sup>2</sup> Cf. *Jo 5, 36; 10, 25*.

<sup>3</sup> Cf. *Jo 10, 38*.

<sup>4</sup> Cf. *Mc 5, 25-34; 10, 52; etc.*

<sup>5</sup> Cf. *Jo 10, 31-38*.

<sup>6</sup> Cf. *Mt 11, 6*.

<sup>7</sup> Cf. *Jo 11, 47-48*.

<sup>8</sup> Cf. *Mc 3, 22*.

<sup>9</sup> Cf. *Jo 6, 5-15*.

<sup>10</sup> Cf. *Lc 19, 8*.

<sup>11</sup> Cf. *Mt 11, 5*.

<sup>12</sup> Cf. *Lc 12, 13-14; Jo 18, 36*.

<sup>13</sup> Cf. *Jo 8, 34-36*.

<sup>14</sup> Cf. *Mt 12, 26*.

<sup>15</sup> Cf. *Lc 8, 26-39*.

<sup>16</sup> Cf. *Jo 12, 31*.

<sup>17</sup> VENÂNCIO FORTUNATO, *Hino «Vexilla Regis»*: MGH 1/4/1, 34 (PL 88, 96).

## CIC 447, 548, 550: o poder de Jesus sobre os demónios

- 447** O próprio Jesus veladamente atribui a Si mesmo este título, quando discute com os fariseus sobre o sentido do Salmo 110<sup>18</sup>, e também, de modo explícito, ao dirigir-Se aos Apóstolos<sup>19</sup>. Ao longo de toda a vida pública, os seus gestos de domínio sobre a natureza, sobre as doenças, sobre os demónios, sobre a morte e o pecado, demonstravam a sua soberania divina.
- 548** Os sinais realizados por Jesus testemunham que o Pai O enviou<sup>20</sup>. Convidam a crer n'Ele<sup>21</sup>. Aos que se Lhe dirigem com fé, concede-lhes o que pedem<sup>22</sup>. Assim, os milagres fortificam a fé n'Aquele que faz as obras do seu Pai: testemunham que Ele é o Filho de Deus<sup>23</sup>. Mas também podem ser «ocasião de queda»<sup>24</sup>. Eles não pretendem satisfazer a curiosidade nem desejos mágicos. Apesar de os seus milagres serem tão evidentes, Jesus é rejeitado por alguns<sup>25</sup>; chega mesmo a ser acusado de agir pelo poder dos demónios<sup>26</sup>.
- 550** A vinda do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás<sup>27</sup>: «Se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, então é porque o Reino de Deus chegou até vós» (Mt 12, 28). Os *exorcismos* de Jesus libertam os homens do poder dos demónios<sup>28</sup>. E antecipam a grande vitória de Jesus sobre «o príncipe deste mundo»<sup>29</sup>. É pela cruz de Cristo que o Reino de Deus vai ser definitivamente estabelecido: «*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou desde o madeiro»<sup>30</sup>.

## CIC 64, 762, 2595: a função do profeta

- 64** Pelos profetas, Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa duma aliança nova e eterna, destinada a todos os homens<sup>31</sup>, e que será gravada nos corações<sup>32</sup>. Os profetas anunciam uma redenção radical do povo de Deus, a purificação de todas as suas infidelidades<sup>33</sup>, uma salvação que abrangerá todas as nações<sup>34</sup>. Serão sobretudo os pobres e os humildes do Senhor<sup>35</sup> os portadores desta esperança. As mulheres santas como Sara, Rebeca, Raquel, Míriam, Débora, Ana, Judite e Ester conservaram viva a esperança da salvação de Israel. Maria é a imagem puríssima desta esperança<sup>36</sup>.

<sup>18</sup> Cf. Mt 22, 41-46; cf. também Act 2, 34-36; Heb 1, 13.

<sup>19</sup> Cf. Jo 13, 13.

<sup>20</sup> Cf. Jo 5, 36; 10, 25.

<sup>21</sup> Cf. Jo 10, 38.

<sup>22</sup> Cf. Mc 5, 25-34; 10, 52; etc.

<sup>23</sup> Cf. Jo 10, 31-38.

<sup>24</sup> Cf. Mt 11, 6.

<sup>25</sup> Cf. Jo 11, 47-48.

<sup>26</sup> Cf. Mc 3, 22.

<sup>27</sup> Cf. Mt 12, 26.

<sup>28</sup> Cf. Lc 8, 26-39.

<sup>29</sup> Cf. Jo 12, 31.

<sup>30</sup> VENÂNCIO FORTUNATO, *Hino «Vexilla Regis»*: MGH 1/4/1, 34 (PL 88, 96).

<sup>31</sup> Cf. Is 2, 2-4.

<sup>32</sup> Cf. Jr 31, 31-34; Heb 10, 16.

<sup>33</sup> Cf. Ez 36.

<sup>34</sup> Cf. Is 49, 5-6; 53, 11.

<sup>35</sup> Cf. Sf 2, 3.

<sup>36</sup> Cf. Lc 1, 38.

**762** A *preparação* remota da reunião do povo de Deus começa com a vocação de Abraão, a quem Deus promete que há-de vir a ser o pai de um grande povo<sup>37</sup>. A preparação imediata começa com a eleição de Israel como povo de Deus<sup>38</sup>. Pela sua eleição, Israel deve ser o sinal da reunião futura de todas as nações<sup>39</sup>. Mas já os profetas acusam Israel de ter quebrado a aliança, comportando-se como uma prostituta<sup>40</sup>. Eles anunciam uma Aliança nova e eterna<sup>41</sup>. «Esta Aliança nova, instituiu-a Cristo»<sup>42</sup>.

**2595** *Os profetas convidam à conversão do coração e, procurando ardentemente a face de Deus, como Elias, intercedem pelo povo.*

### **CIC 922, 1618-1620: a virgindade pelo Reino de Deus**

**922** Já desde os tempos apostólicos, apareceram virgens e viúvas cristãs<sup>43</sup>, chamadas pelo Senhor a unirem-se a Ele sem partilha<sup>44</sup>, numa maior liberdade de coração, de corpo e de espírito, que tomaram a decisão, aprovada pela Igreja, de viver, respectivamente, no estado de virgindade ou de castidade perpétua, «por amor do Reino dos céus» (*Mt 19, 12*).

**1618** Cristo é o centro de toda a vida cristã. A união com Ele prevalece sobre todas as outras, quer se trate de laços familiares, quer sociais<sup>45</sup>. Desde o princípio da Igreja, houve homens e mulheres que renunciaram ao grande bem do matrimónio, para seguirem o Cordeiro aonde quer que Ele vá<sup>46</sup>, para cuidarem das coisas do Senhor, para procurarem agradar-Lhe<sup>47</sup>, para saírem ao encontro do Esposo que vem<sup>48</sup>. O próprio Cristo convidou alguns a seguirem-n'Ó neste modo de vida, de que Ele é o modelo:

«Há eunucos que nasceram assim do seio materno; há os que foram feitos eunucos pelos homens; e há os que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do Reino dos céus. Quem puder entender, entenda!» (*Mt 19, 12*).

**1619** A virgindade por amor do Reino dos céus é um desenvolvimento da graça baptismal, um sinal poderoso da preeminência da união com Cristo e da espera fervorosa do seu regresso, um sinal que lembra também que o matrimónio é uma realidade do tempo presente, que é passageiro<sup>49</sup>.

**1620** Quer o sacramento do Matrimónio, quer a virgindade por amor do Reino de Deus, vêm do próprio Senhor. É Ele que lhes dá sentido e concede a graça

<sup>37</sup> Cf. *Gn 12, 2; 15, 5-6*.

<sup>38</sup> Cf. *Ex 19, 5-6; Dt 7, 6*.

<sup>39</sup> Cf. *Is 2, 2-5; Mq 4, 1-4*.

<sup>40</sup> Cf. *Os 1; Is 1, 2-4; Jr 2*; etc.

<sup>41</sup> Cf. *Jr 31, 31-34; Is 55, 3*.

<sup>42</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

<sup>43</sup> *I Cor 7, 34-36*.

<sup>44</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Vita consecrata*, 7: AAS 88 (1996) 382.

<sup>45</sup> Cf. *Lc 14, 26; Mc 10, 28-31*.

<sup>46</sup> Cf. *Ap 14, 4*.

<sup>47</sup> Cf. *I Cor 7, 32*.

<sup>48</sup> Cf. *Mt 25, 6*.

<sup>49</sup> Cf. *Mc 12, 25; I Cor 7, 31*.

indispensável para serem vividos em conformidade com a sua vontade<sup>50</sup>. A estima pela virgindade por amor do Reino<sup>51</sup> e o sentido cristão do matrimónio são inseparáveis e favorecem-se mutuamente:

«Denegrir o Matrimónio é, ao mesmo tempo, diminuir a glória da virgindade; enaltecê-lo é realçar a admiração devida à virgindade [...] Porque, no fim de contas, o que só em comparação com um mal parece bom, não pode ser um verdadeiro bem; mas o que ainda é melhor do que bens incontestados, esse é que é o bem por excelência»<sup>52</sup>.

<sup>50</sup> Cf. *Mt* 19, 3-12.

<sup>51</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 42: AAS 57 (1965) 48; ID., Decr. *Perfectae caritatis*, 12: AAS 58 (1966) 707; ID., Decr. *Optatam totius*, 10: AAS 58 (1966) 720-721.

<sup>52</sup> SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *De Virginitate* 10, 1: SC 125, 122 (PG 48, 540); cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 16: AAS 74 (1982) 98.